



## Dois Lugares

Texto para display online de Guilherme Callegari  
Galeria Verve, 2020

Andrey Koens

[www.koens.com.br](http://www.koens.com.br)  
[andreykoens@gmail.com](mailto:andreykoens@gmail.com)

## Dois Lugares

Os trabalhos em papel de Guilherme Callegari começam a conversa dizendo o que não são: nem pinturas, nem desenhos; nem figuração, nem abstração. Os materiais secos e oleosos em bastão e as canetas que o artista utiliza para compor suas formas sobrepostas constróem uma espécie de dialeto, sem conferir precisão às figuras nem constituir um statement abstrato.



**Guilherme Callegari**  
Dois Lugares, 2020

caneta hidrográfica, giz oleoso, lápis de cor,  
caneta esferográfica e grafite sobre papel  
59 x 42 cm

Ao passar por uma miríade de referências que variam amplamente entre o design gráfico, o imaginário coletivo da publicidade outdoor e cultura automobilística, ou ainda entre a pintura de paisagem e o grid gráfico, o artista se encontra em uma constante dialética de influências variadas, que se entrecruzam em suas diferentes obras. A escolha, combinação e reconfiguração dos elementos é o arcabouço da oeuvre de Callegari, aludindo a um tipo de teatro ou poesia concretista, onde “o que importa é abandonar a mastigação do novo, novo, novo” e, em vez disso “roer o osso dos motivos, deixar que se repitam, que ritmos se criem”, conforme nos ensina Öyvind Fahlström<sup>1</sup>.

1. FAHLSTRÖM, Ö. Manifesto para a poesia concreta, original de 1952—55, tradução editora Cobogó, 2016.

A abordagem concreta fica mais evidente na titulação dos trabalhos, com nomes confusos que subvertem a visualidade das próprias pinturas, como um convite a outras descobertas: a primeira no olhar; a segunda no nome, que varia entre os que representam ideias poéticas que não estão na obra, *shifters* - seres linguísticos que não possuem um sentido - ou mesmo derivações do processo de *naming*<sup>2</sup>, prática do marketing dedicada à criação de nomes para identidades empresariais.



**Guilherme Callegari**  
2586/arrows/Symbols, 2020

grafite e caneta esferográfica sobre papel  
65 x 60 cm

O balé dos logotipos deliberadamente rabiscados reforça a máxima de Don Norman<sup>3</sup>: “o bom design é mais difícil de perceber do que um design mal feito”. No contexto do design gráfico para grandes empresas no período que precede a sua digitalização, essa invisibilidade do bom design poderia ser pensada através do desenho. Ali, o maior feito profissional seria a perfeição da limpeza sublime, que faria surgir o valor transcendental da Marca, a ausência de individualidade.

2. RODRIGUES, D. Naming: o nome da marca, editora 2AB, 2011.

3. NORMAN, D. A. O design do dia-a-dia, original de 1988, tradução editora Rocco, 2006.



na página anterior

**Guilherme Callegari**  
Eletrônico, 2020

giz oleoso, caneta esferográfica, caneta hidrográfica e  
lápiz de cor sobre papel 300g  
30 x 21 cm

Essa ausência do criador é a chave do sucesso de campanhas históricas da Volkswagen, Shell, Cadillac e outras, pois seus materiais gráficos não representam nem o designer que os produziu, nem o público alvo, mas sim a persona da qual quem compra o carro supostamente se aproximaria. Daí as máscaras de pintura, grids, retículas, o Letraset; uma espécie de “guias de impessoalidade”.

Em função disto a digitalização do design tratou sobretudo do modo de produção da imagem, e criou novas ferramentas que passaram a impedir a aparição de traços manuais, a sujeira e os acidentes do desenho. Guilherme, cuja educação em design data da pós digitalização, reflete sobre passado e presente em sua obra, como em Eletrônico (2020), um diálogo que alude aos limiares da expressão no tecido digital e o próprio existir do profissional do design.

Essas reflexões acontecem na transposição entre os dois lugares distintos de sua prática: a produção da imagem gráfica digital e sua reprodução física na pintura a partir do aparato técnico. Apoiado por uma bibliografia e repertório de artistas que trabalham os meios da tecnologia gráfica na mídia pictórica, expande a proporção de referências como as retículas até o ponto do esgarçamento, ato visível no arco Transfer, 15han e KIA, de 2020; ou no seu uso repetido de logotipos, que se inclina cada vez mais ao Letrismo.

A desconstrução na expressão de Callegari parece ser uma reivindicação da personalidade a partir de seu arquipélago de vivências exteriores, que reinventa a prática do design e também do eixo pintura-tecnologia; contextos cujas teorias passam obrigatoriamente pela literatura e sensibilidade estrangeiras. Ao reforçar a capacidade do discurso estético contemporâneo em promover diálogos poéticos por meio de dicotomias que mapeiem, sem querer, os gradientes que existem *entre locais*, sua obra nos convida a pensar sobre uma realidade pessoal, nacional.

Andrey Koens



**Guilherme Callegari**  
Transfer, 2020

grafite, carvão, giz oleoso, lápis de cor,  
caneta esferográfica, caneta hidrográfica  
e marcador sobre papel  
110 x 75 cm

na próxima página

**Guilherme Callegari**  
KIA, 2020

giz oleoso, lápis de cor, grafite  
e caneta hidrográfica sobre papel 300g  
30 x 21 cm

